

TEXTO ESPECIAL

AS LÁGRIMAS DE CUNHAÚ

*Frans Leonard Schalkwijk**

No ano 2000, os jornais noticiaram a beatificação dos mártires de Cunhaú (1645), no Rio Grande do Norte, pelo Papa João Paulo II. A matança ocorreu durante as primeiras semanas do levante português contra a ocupação flamenga (1630-1654). Uma das reportagens afirmou que essas horrendas barbaridades foram cometidas por ordem do governo holandês no Recife e com a cooperação de um pastor “calvinista”. Sem querer diminuir a monstruosidade do trágico acontecimento, convém lembrar pelo menos três fatos do contexto histórico daqueles dias de guerra que marcaram o começo do fim da ocupação holandesa do Nordeste.

Em primeiro lugar, observamos que não foi o governo holandês que ordenou a chacina, mas ela foi uma vingança por parte dos indígenas em reação às notícias que corriam sobre as crueldades dos portugueses, ajudados por uma tribo selvagem da Bahia. Desde o início da revolta (13/6/1645), cada vez ficava mais claro que, onde os portugueses restabeleciam seu domínio, estava reservada aos índios em especial uma morte terrível. Conseqüentemente os “brasilianos” (como os holandeses chamaram os índios tupis) se refugiaram perto das fortificações holandesas, consideradas inexpugnáveis. Outros decidiram evitar o desastre aparentemente inevitável e pegaram em armas. Foi isto o que aconteceu em Cunhaú, no Rio Grande do Norte.

Na terra potiguar, a população indígena consistia em grande parte de índios antropófagos (tapuias), sob a liderança do seu cacique Nhanduí. Para os holandeses, os tapuias significavam um bando de aliados meio inconstantes, pois era um povo muito independente, que não aceitava ordens de ninguém, mas decidia por si o que era melhor para sua tribo. Muito amigo da tribo era

* O autor é ministro da Igreja Reformada da Holanda e ex-missionário no Brasil. É um estudioso da presença holandesa no nordeste brasileiro, tendo escrito o livro *Igreja e Estado no Brasil Holandês*. O presente texto foi publicado originalmente na revista *Ultimato* (maio-junho 2000).

um certo Jacob Rabe, casado com uma índia; ele servia como elo entre os tapuias e o governo holandês.

Entre os indígenas do extremo Nordeste, havia em geral grande ódio contra os portugueses, sem dúvida pela lembrança de acontecimentos anteriores à chegada dos holandeses, que eram considerados os libertadores da opressão lusa. Várias vezes esses índios quiseram se aproveitar da situação dos lusos como vencidos, para vingar-se deles. Assim, em 1637, depois de Maurício de Nassau conquistar o Ceará, os índios procuraram matar todos os portugueses da região, que então foram protegidos mediante as armas pelos holandeses. A mesma coisa aconteceu no Rio Grande em 1645. Os tapuias sentiram que, com o início da revolta, havia chegado a hora da verdade: eram eles ou os portugueses. E, no dia 15 de julho, começaram por Cunhaú, massacrando as pessoas que estavam na capela e, posteriormente, numa luta armada, o restante.

Em segundo lugar, de fato o nome de um pastor protestante está ligado a esse episódio. Porém, de modo exatamente contrário àquele que se supõe, porquanto não foi ele quem orientou a chacina, mas foi enviado pelo governo para refrear a selvageria dos bugres. Quando, no dia 25 de julho, o governo holandês no Recife soube dos terríveis acontecimentos no Rio Grande do Norte, despachou o Rev. Jodocus à Stetten, pastor da Igreja Cristã Reformada e capelão do exército, junto com o capitão Willem Lamberts e sua tropa armada, “para refrear os tapuias e trazê-los para (o Recife) a fim de poupar o país e os moradores (portugueses)”. Os índios, porém, ficaram enfurecidos com os holandeses, não entendendo como estes podiam defender seus inimigos mortais, e até romperam a frágil aliança com os batavos. Antes de regressar para o sertão do Rio Grande, fizeram ainda outra incursão vingadora contra os portugueses, desta vez na Paraíba.

Em terceiro lugar, notamos o fim dos tapuias e de Jacob Rabe. Alguns meses depois da matança em Cunhaú, esse funcionário da Companhia das Índias Ocidentais, que havia recebido o mensageiro governamental, pastor Jodocus, a mão armada, foi morto por ordem do próprio governador da capitania do Rio Grande do Norte, Joris Garstman. O capitão Joris era casado com uma senhora portuguesa que tinha perdido muitos parentes em Cunhaú. Quanto aos tapuias, depois da expulsão dos holandeses e da restauração do domínio português, os que não quiseram submeter-se à orientação político-religiosa de Lisboa foram massacrados, como diz o Dr. Tarcísio Medeiros, na “mais sangrenta guerra de exterminação que existiu por este Brasil”. Puro genocídio.

Esses três fatos complementares não diminuem em nada o sofrimento de Cunhaú, dessas vidas inocentes esmagadas entre os rolos compressores do moinho da luta armada. Porém, talvez possam eliminar um pouco do veneno da história, por nos permitirem entender melhor o contexto daqueles dias cheios de angústia para ambos os lados. Escrever história objetivamente é muito difícil, ainda mais quando se trata de um caso controvertido como este,

com muitos pormenores desconhecidos. Porém, afirmar, como foi feito por certos porta-vozes, que as barbaridades de Cunhaú foram perpetradas a mando do próprio governo holandês, e ainda por cima orientadas por um pastor evangélico, simplesmente não corresponde à verdade. Convém distinguir os fatos da interpretação dos fatos. Isso não atenua, antes aumenta a nossa ansiosa expectativa do dia em que o Senhor enxugará todas as lágrimas, inclusive as de Cunhaú (Ap 7.17).

